

As expressões idiomáticas da pesca artesanal da comunidade de Baiacu - Vera Cruz - Bahia

The idiomatic expressions of artisanal fishing Baiacu - Vera Cruz - Bahia community

Cristiane Fernandes Moreira*

RESUMO: O trabalho pretende tecer considerações acerca dos estudos fraseológicos, especificamente as expressões idiomáticas, baseados em *corpus* provenientes de pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Vera Cruz-Bahia. Tem como base a TMC (Teoria da Metáfora Conceptual), teoria desenvolvida por Lakoff e Johnson (2002 [1980]). O *corpus* para explorar essa relação tem como base metodológica aplicações de inquéritos linguísticos com pessoas que trabalham na pesca daquela comuna. É constituído por textos orais, que foram coletados, transcritos e elaborados por Moreira (2010), na sua pesquisa de Mestrado. O método utilizado é o de análise de *corpus* (*corpus* analysis, cf. Gonzalez-Marquez, 2007) em que se explora o fenómeno particular de interesse. Considera também o que Silva (2012) salienta sobre metodologia com base no uso, além de ter como parâmetro o método utilizado pelo Grupo PRAGGLEJAZ (2009), o PIM (Processamento de Identificação da Metáfora). A coleta e análise dos dados segue o exemplo da análise por protótipos.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologia. Metáfora conceptual. Cognição. Expressões Idiomáticas. Língua de especialidade.

ABSTRACT: This paper aims to make considerations about phraseological studies, specifically on idioms, corpus-based artisanal fishermen from the Baiacu - Vera Cruz - based community Bahia, based on TMC (Theory of Conceptual Metaphor) developed by Lakoff and Johnson (2002 [1980]). The corpus used to explore this relationship has the methodological basis of linguistic surveys applications with people engaged in fishing belonging to the same commune. It consists of oral texts, which were collected, transcribed and elaborated by Moreira (2010), in his Master research. The method used is the corpus analysis (*corpus* analysis, cf. Gonzalez - Marquez , 2007) which explores the particular phenomenon of interest . This work also takes into consideration what Silva (2012) stresses on methodology based on usage, besides having as parameter the method used by PRAGGLEJAZ Group (2009), PIM (Processing of Metaphor Identification). The collection and data analysis follow the example of prototype analysis.

KEYWORDS: Phraseology. Conceptual metaphor. Cognition. Idioms Expressions. Specialized language.

1. Introdução¹

Uma das primeiras declarações sobre a metáfora se destina aos gregos, e deve-se a Aristóteles a parcela dessa contribuição. Parece razoavelmente abrangente que o conceito

* Universidade Federal da Bahia (Estudante de Doutorado em Língua e Cultura)/Bolsista CAPES/Universidade do Minho-Portugal.

¹ Registro agradecimentos a orientadora, professora Doutora Teresa Leal Gonçalves Pereira, da Universidade Federal da Bahia, ao coorientador Professor Doutor José de Sousa Teixeira, da Universidade do Minho-Portugal, e a CAPES pela concessão da Bolsa Doutorado *Sandwich* Exterior, processo CAPES nº1249112-8.

aristotélico começa a ser questionado em estudos de diversos autores. Lakoff e Johnson (1980, 2002), por exemplo, compartilham a ideia de que a metáfora representa um papel importante no pensamento, é um fenômeno de natureza conceptual e reflexo da linguagem do cotidiano. Essa opinião foi rediscutida recentemente na 4th *International Conference on Foreign Language Teaching and Applied Linguistics*, no dia sete de maio de 2014, em Sarajevo. Assim, nada obstaria, em princípio, que a necessidade de investigações empíricas sobre o processo de compreensão da metáfora possa ser um caminho para desvendar o caráter das fórmulas coletivas e tradicionais, conhecidas como estudo da Fraseologia, mas precisamente as Expressões Idiomáticas. E é nesse sentido que aqui se insere a proposta de trabalho cujo objetivo é demonstrar alguns exemplos de expressões idiomáticas decorrentes das experiências cotidianas do universo da pesca da comunidade de Baiacu - Vera Cruz - Bahia. Tecer considerações de como essa língua de especialidade produz, entende, experiencia e compartilha conceitos de uma mesma maneira, como tal grupo compreende essas experiências e como as metáforas e as expressões idiomáticas fazem parte dessa interpretação.

2. Métodos e técnicas

O *corpus* desta pesquisa constitui-se a partir dos dados obtidos das entrevistas realizadas por Moreira (2010) para a sua dissertação de Mestrado acerca de as denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca da comunidade de Baiacu - Vera Cruz - Bahia, com informantes da área da pesca daquela localidade, e de leitura e levantamento bibliográfico em torno do tema proposto. Como procedimentos, utilizam-se de coleta e análise dos dados e do PIM. O método é empírico e segue-se o modelo de pesquisa descritiva e qualitativa. Ressalta-se que a descrição utilizada na análise dos resultados é grafemática, conforme proferida pelos informantes, a fim de manter a integridade e fidedignidade dos dados.

3. A fonte: constituição do *corpus*² e técnicas de pesquisa

O *corpus* é relativamente recente e representativo, com dados linguísticos provenientes da variedade da língua oral, *corpus* falado. Inicialmente, a análise das ocorrências metafóricas

² O conceito de *corpus* aqui corresponde ao explorado por Deignan (2008) para quem *corpus* pode ser qualquer coleção de textos falado ou escrito. Estes podem consistir no trabalho de um único autor, de certo número de questões de um ou mais jornais, de coleções de dados transcritos da fala ou mais amplamente baseado em coleções de uma série de tipos de texto. Os temas linguísticos que podem ser investigados com um *corpus* variam (cf. DEIGNAN, 2008, p.282).

tomou como base o PIM- Procedimento de Identificação de Metáforas. Esse procedimento sistematiza um conjunto de métodos que refletem o processo de identificação de metáforas linguísticas, e envolve, entre outros critérios: leitura das unidades /conceitos, definições e observações do dicionário; identificação dos itens lexicais potencialmente metafóricos; determinação do seu significado no contexto; busca por um significado mais básico do item lexical; comparação dos significados contextual e mais básico desses itens, e no caso de oposição, marcação do item lexical como metafórico (cf. PRAGGLEJAZ, 2009; SIQUEIRA et al., 2007). O PIM é assim detalhado:

1. Ler todo o texto/ discurso para estabelecer um entendimento geral do seu significado.
2. Definir as unidades lexicais do texto/discurso
3. (a) Para cada unidade do texto, determinar o seu significado no contexto, isto é, como ele se refere a uma entidade, relação ou atributo na situação evocada pelo texto (significado contextual). Levar em conta o que antecede e o que precede a unidade lexical.
(b) Para cada unidade lexical, determinar se há um significado atual mais básico em outros contextos do que no contexto que estão. [...] significados básicos tendem a ser:
 - mais concretos (o que evocam é mais fácil de imaginar, ver, ouvir, sentir, cheirar e sentir o gosto);
 - relacionados ao funcionamento do corpo;
 - mais precisos (em oposição a vagos);
 - historicamente mais antigos;

Significados básicos não são necessariamente os mais frequentes da unidade lexical. Se a unidade lexical tem um significado atual/ contemporâneo mais básico em outros contextos do que no contexto em questão, decidir se o significado contextual se opõe ao significado básico, mais pode ser entendido em comparação a ele.

4. Se sim, marcar a unidade lexical como metafórica (cf. detalhes em Grupo PRAGGLEJAZ, 2009, p.79).

O Grupo assegura que:

[...] Uma das aplicações mais importantes do PIM é que o conjunto de etapas permite aos pesquisadores saberem em que pontos não concordam, e também permite apontar a razão pela qual se presume que uma palavra tenha significado metafórico no contexto (PRAGGLEJAZ, 2009, p.90).

O procedimento que o Grupo adota é macro estrutural, de modo a considerar um maior número de palavras que possua um significado metafórico a partir do uso no contexto, para determinar se certas palavras no contexto possuem significado metafórico. Alguns destes procedimentos foram utilizados nesta pesquisa, devido ser avaliados pelos especialistas como um método confiável.

As ocorrências das expressões idiomáticas foram divididas a partir de casos prototípicos. E tal como averiguou alguns autores que já se debruçaram em torno da protipicidade, observou-se que existe um *continuum* de sentido, sendo que um ou mais sentidos concretos podem ser considerados mais centrais ou prototípicos de uma família de sentidos relacionados. Foram considerados casos prototípicos aqueles em que foi possível determinar satisfatoriamente uma diferença entre um uso metafórico (mais abstrato) do item lexical no contexto apresentado pela língua de especialidade da pesca e um uso literal (mais concreto ou mais básico).

Para o procedimento de análise dos dados, apenas metáforas que são usadas para expressar conceitos foram codificadas em conjunto com suas expressões idiomáticas, pois contribuíram para a descrição do *corpus* em um processo construído sobre a base do significado. Para cada categoria, o componente de significado com a maior frequência na base de dados foi selecionado como ponto de partida de investigação. O recurso ao *corpus* justificou-se na medida em que aquilo que se encontra em observação é o uso dos termos, e não a estrutura interna. Em seguida, os dados foram organizados de acordo com a categoria das metáforas conceptuais, de modo a obter uma imagem mais clara dos mecanismos de expressões idiomáticas mais produtivos na língua de especialidade da pesca.

4. O *corpus*

O *corpus* desta pesquisa constituiu-se a partir da análise de um *corpus* sincrônico, com base nas aplicações de inquéritos linguísticos com pessoas que trabalham na pesca da comunidade do Baiacu/Vera Cruz/Bahia, sendo trinta 34 (trinta e quatro) homens e uma 01 (uma) mulher, todos eles com idade compreendida entre 21 e 86 anos. A maioria estudou até a primeira série do primeiro grau, conhecido atualmente como segundo ciclo do Ensino Fundamental. As entrevistas duraram cerca de 40 minutos, no mínimo, ou 2 horas de duração. No que tange à transcrição dos inquéritos, alguns critérios foram obedecidos:

➤ **1. Sinais adotados nas transcrições:**

- uma pausa menor é indicada por meio de reticências [...], uma maior, por meio de reticências entre parênteses [(...)];
- Incompreensões, dúvidas e suposições de algumas unidades conceituais foram indicadas pelo ponto de interrogação [?];
- as explicações do inquiridor figuram entre parênteses duplos [(())];
- cortes de trechos de fala são indicados por colchetes [[...]];
- Os nomes dos informantes são indicados apenas pelas iniciais maiúsculas;

➤ **2. Sobre o contexto das unidades conceituais:**

- a transcrição é grafemática;
- todas as formas foram transcritas da mesma maneira que realizadas pelo falante, compreendendo os termos e ou unidades/conceitos que são objetos da questão e o contexto em que estão inseridos;
- as metáforas conceituais aparecem escritas em letras maiúsculas, devido à convencionalidade;
- o contexto em que se encontram as unidades/conceitos está registrado em itálico, tal como foi realizado pelo informante, e em negrito.

5. A comunidade Baiacu: de onde são os informantes?

Os informantes da pesquisa são pesquisadores artesanais e habitam na comunidade denominada Baiacu. A Vila de pescadores de Baiacu é pertencente ao município de Vera Cruz, situado na Ilha de Itaparica. Distante de Salvador 43 (quarenta e três) quilômetros, está localizada na contra costa da Ilha, possui variação vegetal pertencente à província atlântica: manguezal, restinga e mata secundária. A localidade é remanescente da primeira ocupação da Ilha, em 1560, sendo a mais antiga colônia de pescador que tem a Ilha. No início, século XVI [1560], Baiacu era a mais importante e tradicional das 27 (vinte e sete) comunidades existentes na Ilha de Itaparica, devido a ter sido o único vilarejo onde o jesuíta Luís da Grã e seus companheiros de catequese aportaram e edificaram a segunda igreja católica matriz no Brasil, sob a invocação do Nosso Senhor da Vera Cruz. O termo Baiacu tem sua origem no termo Mayacu. Com base em dicionários tupi, o termo [maya'ku] é um termo tupi, que desapareceu na época pós-clássica, devido a motivos fonéticos. A diferenciação pode se dever a causas

histórico-linguísticas. O termo Baiacu deve ter surgido por influência do substrato no campo da fonética. Na conjuntura atual, o que se tem percebido na comunidade é que o topônimo Baiacu está em processo de mudança em curso, ou variação, entre os termos [ba'jaku] e [baja'ku]. O pequeno povoado de Baiacu é composto por marisqueiras e pescadores artesanais que buscam na pesca de peixes e mariscos sua subsistência e única fonte de renda. No que se refere ao manuseio da pesca, os pescadores ainda expressam os hábitos e costumes indígenas, seja no uso de material da pesca, nos hábitos alimentares (farinha de mandioca, bebidas alcoólicas), seja para “perguntar” à natureza se a maré e o tempo estão bons para a pescaria.

6. Referencial teórico

Os gregos foram grandes criadores de metáforas. No entanto, como se sabe, para a Retórica, a metáfora era caso próprio de linguagens especiais, como a poética e a persuasiva. De acordo com Lakoff; Johnson (2002), o predomínio dessa visão retórica da metáfora na cultura ocidental se justifica pelo que eles denominam “mito de objetivismo”, pois entendem a linguagem como mero espelho da realidade objetiva. A metáfora passa a ser configurada apenas como figura de linguagem, uma transposição de palavra. No século XX, através de contribuições da Filosofia, começa a se desenvolver questionamento em torno da metáfora enquanto figura de retórica. Em paralelo a essa perspectiva, na década de 70 desse mesmo século e início do século XXI, o modo pelo qual se concebe a metáfora passa a ser de interesse das ciências da linguagem e da psicologia cognitiva. A metáfora passa a ser estudada a partir do aspecto da objetividade, sim, mas também da compreensão, da cultura e do sentido experiencial, sobretudo. É uma via que une objetivismo e subjetivismo, com objeções, claro. Uma via experiencialista, cognitivista. Para Lakoff ; Johnson (2002), no novo paradigma, a metáfora passa a ter seu valor cognitivo reconhecido, mudando do *status* de uma simples figura de retórica para o de uma operação cognitiva fundamental. Esse mesmo pensamento já se encontra nos estudos das ciências cognitivas, especificamente a Teoria Computacional, a Inteligência Artificial, a Neurolinguística, a Antropologia, a Linguística, a Semântica Cognitiva e a Terminologia, entre outras áreas. Tais estudos preocupam-se em demonstrar como pensamento é estruturado por imagens, mapeando domínios conceituais distintos. Nesse

sentido, assume-se a extensão de conceitos temporais e espaciais por outros campos semânticos e de prototipicidade³

Do ponto de vista de Silva (2012⁴), enquanto a metáfora tem por função a estruturação do alvo em termos de origem, a função da metonímia é a ativação mental do alvo tendo a origem por ponto de referência. Ambos os processos são mecanismos cognitivos básicos da mudança semântica e de inovação e propagação, mesmo porque a mudança semântica envolve (quase) sempre atividade mental específica. Percebe-se que a metáfora conceptual equivale ao pensamento metafórico e este aos domínios mais conhecidos como modelo para domínios complexos. Essa assertiva pode ser representada pela seguinte imagem: MC(metáfora conceptual): X É Y= correspondências ontológicas e epistêmicas; mapeamento parcial, unidirecional, automático; base experiencial. Por sua vez, a metonímia conceptual= MC= X está por Y, em que a metonímia=zona ativa e ponto de referência.

Paralelo a essa informação, é possível assinalar que avanços recentes nos estudos da metáfora estão sendo incorporados a partir da teoria do Blending⁵. Enquanto para a metáfora conceptual a fórmula é A É B; para a teoria do Blending, se tem A +B+C (mas C continua a ser meio de entender A através de B).

De acordo com Lakoff (2010), Teixeira (2013), a teoria do Blending é um complemento à TMC (Teoria da Metáfora Conceptual). Consideram tais autores que esta pluralidade não é arbitrária e demonstra que, no domínio da vivência experiencial e mítica da comunidade linguística, cada uma daquelas entidades se encontra ligada a pelo menos uma das outras da mesma categoria, numa série de interligações, partindo da entidade primária ou central. Para estes cognitivistas, a metáfora tem característica e propriedade sistemáticas, tais como: convencionais (grau de novidade da metáfora), sistemática (a maneira pela qual se estabelece um campo de comparações, associando vários conceitos), assimétricas (natureza direcional de uma metáfora, transferência de propriedades) e abstratas (organiza novos conceitos e experiências).

A TMC inserida em um contexto cultural exprime a compreensão que o indivíduo tem do mundo, das pessoas e das coisas a partir de suas experiências e cultura. Alguns autores

³ Nos estudos de Rosch (1978), por exemplo, a autora demonstra que a questão principal da teoria do protótipo é a de que se leva em conta a visão do mundo, que é experimentação, experiência. Para Wittgenstein (apud Pears, 1973), algumas categorizações não levam em conta determinada especificidade, como a relação entre membros periféricos e nucleares.

⁴ In Conferência de abertura do 60º Seminário do GEL.USP-São Paulo, 4 a 6 de agosto de 2012.

⁵ Mecanismo mais geral da cognição humana.

asseguram não ser necessário distinguir metáfora conceitual de metáfora cultural, já que a metáfora é um fenômeno que engloba aspectos cognitivos, sociais e culturais e também por ser a experiência corpórea a base formadora do sistema conceitual, deve-se admitir que essas experiências surgem do corpo e das interações e relações desse corpo com o mundo cultural, sendo possível afirmar que existe uma interdependência entre as experiências físicas e culturais na formação e utilização de metáforas pelos indivíduos. As metáforas conceptuais referem-se ao nível abstrato do sistema conceptual. Podem ser compreendidas como significação da emissão, do falante. São metáforas geradoras, geram novas expressões. São subjacentes, implícitas. Os principais tipos de metáforas conceptuais são estruturais, ontológicas, orientacionais e primárias (estas são metáforas ‘básicas’ presentes em muitas culturas e motivadas por aspectos físicos do corpo humano, ex: AFEIÇÃO É CALOR) (cf. Lakoff; Johnson, 2002; entre outros autores).

De acordo com Lakoff; Johnson (2002) “[...] as metáforas conceptuais são fundamentadas em correlações dentro de nossa experiência. Essas correlações experienciais podem ser de dois tipos: coocorrência experiencial e similaridade experiencial” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.255). A primeira fundamenta-se em dois tipos de experiências; a segunda, refere-se ao fato de alguém experienciar ações vividas e as possíveis consequências dessas ações. Daí os autores afirmarem que: “A metáfora é primordialmente uma questão de pensamento e ação e somente secundariamente uma questão de linguagem” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.253).

7. Um pouco sobre a Fraseologia: considerações sobre as Expressões Idiomáticas (EIs)

Com o renovado interesse pela linguagem situada sócio-culturalmente a ser reconstruída com os sujeitos de língua e/ou apresentada a eles, a existência de diferentes considerações para provar que a linguagem reflete amiúde a visão humana pode explicar tanto as diversidades fundamentais de uma língua em comparação a outras, assim como os modos peculiares de expressão representados, por exemplo, na fraseologia, nos idiomatismos dos sujeitos. Considerando que o léxico⁶ de uma língua engloba o conjunto de signos linguísticos por meio

⁶De acordo com Oliveira e Isquierdo (2001), três ramos do saber se ocupam do estudo do léxico: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. A primeira se ocupa dos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico, a segunda está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários. Já a terceira área tem como objeto de estudo o termo, a palavra especializada, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidades. Conforme sustentam as próprias autoras, a partir da análise de Andrade, a Terminologia pode ser encarada como uma

dos quais o homem não só se expressa, se comunica, mas também cria novos conhecimentos e/ou assimila conhecimentos que outros homens criaram, as expressões idiomáticas (Eis) são consideradas, dentro desse conjunto, como uma das manifestações relevantes de uma língua, como demonstram suas imagens, a originalidade das suas metáforas e a variedade e flexibilidade dos termos e das suas formas estruturais. Tais expressões revelam a capacidade imaginativa do falante de uma língua, e como ele sabe explorar essas virtualidades do signo.

As Eis cristalizam nelas experiências históricas. Refletem-se nelas valores morais e atitudes sociais e, por excelência, transmitem a mensagem de uma forma mais expressiva. Por tal motivo, as Eis representam um “mar” fértil seja para a Linguística Histórica, a Linguística Cognitiva, a Semântica, a Terminologia, a Lexicologia, a Lexicografia e a Sociolinguística, pois nelas poderão detectar as origens, a evolução e o significado das suas variantes geográficas, formais e culturais. As Eis surgem da criatividade popular. São resultados de um processo metafórico de criação. Além de proporcionar informação cultural, elas oferecem também materiais funcionais e interativos na língua-alvo. Como alude Gibbs (2009, p.205), “[...] as metáforas conceptuais parecem ser a principal ligação entre muitas expressões idiomáticas e seus significados figurados”. Isso sugere que as expressões idiomáticas devem refletir a mesma informação de mapeamento metafórico.

Estudiosos e pesquisadores da língua asseguram que as expressões idiomáticas formam estruturas sintagmáticas complexas que resultam em uma unidade lexical conotativa, e fazem referência a uma realidade específica com um sentido particular. O significado delas resultante independe do significado dos lexemas isolados que a compõem. Sua extensão de sentido é metafórica e o que mantém a unidade lexical é o todo significativo. Nessa perspectiva, a expressão idiomática pode ser definida como uma unidade sintática, lexicológica e semântica. Sua motivação metafórica pode ser implícita ou explícita, refere-se a situações específicas, sendo parte integrante do discurso. As particularidades das expressões idiomáticas abrangem dois vetores/segmentos: a forma (as Eis são constituídas por um grupo de palavras) e o conteúdo (o significado idiomático). O sentido é oculto, específico, não se infere dos elementos constitutivos. Nas Eis são manifestadas a visão do mundo, os costumes populares e a tradição.

especificidade da lexicologia, uma vez que se trata não de todas as palavras da língua, mas daquelas que constituem as linguagens especializadas, cabendo-lhe o estudo das relações de significação (expressão e conteúdo) do signo terminológico, o que inclui a complexa dinâmica da criação desse signo (neonímia), e da renovação e ampliação dos universos de discursos terminológicos (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001).

A área que representa as Eis é a Fraseologia, estudo da construção das frases, que dão origem a pequenos textos. A Fraseologia situa-se no campo dos estudos do léxico. Ocupa-se das combinações estáveis de unidades léxicas, constituídas por mais de duas palavras gráficas, recobre os compostos, colocações, expressões idiomáticas, locuções, entre outros. O seu limite superior é a frase. Caracteriza-se pela projeção de um sentido que não se depreende da soma de seus constituintes (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Na perspectiva de Krieger e Finatto (2004, p.84) “A ideia de fraseologia está associada a uma estruturação linguística estereotipada que leva a uma interpretação semântica independente dos sentidos estritos dos constituintes da estrutura”. Para as autoras, evidencia-se uma diversidade de pontos de vista sobre a Fraseologia, seja no plano conceitual, seja no denominativo. Devido a sua complexidade, não existe um consenso quanto às cadeias sintagmáticas ou fraseologias:

[...] Dessa forma, conforme o contexto comunicacional, fala-se em fraseologias da língua geral ou em fraseologias especializadas. Estas últimas passam a integrar o quadro de objetos da Terminologia, porquanto são formas de expressão recorrentes nas comunicações especializadas e semanticamente vinculadas aos conteúdos em pauta. [...] A razão primeira do interesse da Terminologia pela Fraseologia Especializada explica-se porque se trata de um elemento constitutivo das comunicações profissionais (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 84).

Ressaltam as autoras, com base em Bevilacqua, algumas das principais tendências que se debruçam sobre o assunto:

A primeira tendência define as unidades fraseológicas como colocações, compreendendo-as como combinações pluriverbais fixas ou semifixas formadas basicamente por duas unidades léxicas. Nessa visão, a fraseologia aproxima-se dos sintagmas terminológicos [...]; a segunda tendência concebe as unidades fraseológicas como fórmulas ou frases feitas, próprias de determinados âmbitos especializados. [...] Tal tipo pode também ser chamado de fraseologia discursiva (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 86).

A segunda tendência importa com a relação extralinguística, implica mais a relação com a área de conhecimento do que os aspectos morfossintáticos dos constituintes das estruturas fraseológicas (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Do ponto de vista científico, a Fraseologia conheceu grande desenvolvimento nos anos cinquenta, especialmente na antiga URSS, com os trabalhos de V. Vinogradov. Nas últimas décadas, têm-se publicado estudos teóricos na Alemanha e em Espanha. Em se tratando da língua portuguesa, há pouco estudo sistemático sobre a Fraseologia. Não há conformidade

quanto ao âmbito de estudo da Fraseologia. Para Ortiz Alvarez (1998), o termo fraseologia tem sido utilizado como noção genérica, integrando os coloquialismos e os idiomatismos, ou seja, as expressões idiomáticas, os provérbios, as frases feitas, os refrãos, e os ditos populares, sem que seja estabelecida nenhuma diferenciação entre estes lexemas nem nada que se permita discernir qualquer propriedade linguística específica, quer a nível semântico, quer sintático. Ainda na linha desse autor, as Eis são combinações metafóricas que se cristalizaram pelo uso e frequência de emprego (passando do individual para o social), em uma determinada língua apoiada na sua tradição cultural. As Eis passam por dois estágios: o processo de cristalização que as torna estáveis em significado e a frequência de seu emprego. Para Farias Peixoto (2007):

A figuratividade de expressões idiomáticas também pode ser explicada por meio da interligação entre metáfora e metonímia [...] tradicionalmente, são tratadas como fenômenos linguísticos, com propriedades sintáticas específicas e cujos sentidos não podem ser abstraídos de seus elementos constituintes. Na visão tradicional, essas expressões são independentes dos processos cognitivos e não compartilham qualquer aproximação conceitual, ou seja, seus sentidos são aprendidos e ensinados de forma isolada (FARIAS PEIXOTO, 2007, p.90-1).

Também em Kövecses (2011)⁷, encontra-se argumento em favor da existência de um grande número de expressões idiomáticas que têm como motivação metáforas e metonímias conceptuais, a exemplo de RAIVA⁸ É FOGO (GERE IS FIRE), AMOR É FOGO (LOVE IS FIRE).

Cabe ressaltar que os linguistas não parecem ter chegado a um acordo acerca das unidades de estudo da Fraseologia e escolhido o termo para se referir a elas. Mas, também, não unificam critérios na hora de classificar essas expressões. Contudo, alguns acreditam que se pode dividir o sistema fraseológico, tendo como suporte teórico a fórmula proposta por Eugenio Coseriu (1986) da “sistema-norma-fala”, em três grandes áreas: locuções, colocações e enunciados fraseológicos. Por sua vez, dentro de cada área, as unidades fraseológicas agrupam-se de acordo com a sua categoria gramatical, a função sintática, o grau de mobilidade ou

⁷Durante o IV Congresso internacional sobre metáfora na linguagem e no pensamento, de 26 a 28 de outubro de 2011, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁸ Os estudos de Kövecses e Lakoff (1986, 1987, 1988, 1990, 2000) sobre a linguagem das emoções concluíram que na conceptualização das emoções e dos sentimentos está presente um princípio metonímico geral de tipo EFEITO PELA CAUSA, pelo que a ira, a tristeza, o medo, a alegria, o amor e outras emoções e sentimentos são referidos por sintomas fisiológicos correspondentes, tais como aumento/abaixamento da temperatura do corpo, rosto corado/pálido, gritos e lágrimas, abraços, suor, alteração das pulsações e do ritmo cardíaco, e várias metáforas conceptuais que estão na base destas metonímias fisiológicas (Detalhes SILVA, 2006; BARBEIRO, 2009).

independência textual etc. Exemplos⁹: 1) Locuções: Loc. Prepositivas –“ [...] em cima de; [...] em frente dessa bóia”; loc. adjetiva - duro de roer; 2) Colocações: Verbo (V) + Nome (N) (função sujeito)- “[...] chame àgua”; V + N + Preposição (Prep)- “[...] descê mão pra dentu”; Advérbio (Adv) + Adjetivo (Adj.), Adj + N etc; 3) Enunciados fraseológicos.

Duque (2012) revela que as expressões idiomáticas dizem respeito à informação idiossincrática, e só podem ser encontradas no léxico. Para ele, há, porém, uma classe de fenômenos sintáticos que não pode ser submetida às grades de subcategorização; não pode ser analisada pelo modelo de “componentes gramaticais” e nem se adapta ao princípio de que, acima do nível da palavra, a gramática só pode ser explicada por meio de regras gerais. A essa classe de fenômenos sintáticos, o autor denomina expressões idiomáticas, constructos que, por definição, são unidades gramaticais mais amplas do que palavras, mas apresentam as mesmas características idiossincráticas dos itens lexicais. Ainda na linha de Duque (2012), que toma por base as ideias de Nunberg, Sag e Wasow (1994) para estabelecer as propriedades caracterizadoras das expressões idiomáticas, estas apresentam um traço essencial e alguns traços típicos. O traço essencial seria a convencionalidade, de acordo com o qual o significado, ou o uso, de uma expressão idiomática prototípica não pode ser (totalmente) predizível com base no conhecimento dos constituintes da expressão, ou melhor, o significado global da expressão é diferente da soma dos significados dos itens que a integram. Nesse sentido, a convencionalidade seria uma propriedade fundamental para um modelo baseado em componentes, uma vez que reforçaria a existência de uma forte coesão (determinada por regras) entre os elementos constituintes, ou seja, as expressões idiomáticas integrariam o conhecimento gramatical dos falantes. Duque (2012) demonstra ainda que, em 1988, Fillmore, Kay e O’Connor propuseram outra maneira de lidar com o fenômeno. Após analisarem várias expressões idiomáticas, esses autores compreenderam que a organização gramatical como um todo corresponde a um conjunto de expressões idiomáticas mais ou menos cristalizadas. Esse aspecto passou a servir de argumento favorável a uma visão construcional de gramática. Nessa perspectiva, as expressões acionam sentidos que vão muito além do conhecimento sintático e lexical da língua. Esse conhecimento parece não ser suficiente para o usuário saber (a) como dizer expressões idiomáticas, ou (b) como compreender os significados dessas expressões, ou (c) determinar a convencionalidade desses constructos idiossincráticos. A fim de cobrir esses

⁹ Alguns dos exemplos são extraídos do âmbito da pesca.

aspectos, esses pesquisadores classificaram as expressões idiomáticas em: codificadas *x* decodificadas; gramaticais *x* extragramaticais; substantivas *x* formais; e com ponto pragmático *x* sem ponto pragmático. Uma expressão idiomática de decodificação só é compreendida se for aprendida anteriormente, enquanto uma expressão idiomática de codificação pode (ou não) ser compreendida sem experiências prévias. Nesse caso, não havendo experiências prévias, a expressão é compreendida como uma forma não-convencional de se dizer alguma coisa. As expressões idiomáticas gramaticais podem ser analisadas por meio de regras sintáticas, como é o caso da expressão *chutar o balde*, em que o verbo *chutar* subcategoriza o sintagma nominal *o balde*, o que sintaticamente caracteriza a transitividade. Tanto as expressões idiomáticas de codificação quanto as de decodificação podem ser gramaticais. As expressões idiomáticas extragramaticais, por outro lado, não podem ser analisadas por meio de regras sintáticas, como é o caso da expressão *estar em-si-mesmo* (p.ex.: estou em-si-mesmo com a situação). Uma expressão idiomática substantiva, ou expressão lexicalmente preenchida, é aquela em que todos os elementos da expressão idiomática são fixos. Por exemplo, a expressão idiomática *quem tudo quer, tudo perde* é completamente fixa, pois não é permitido que se lhe flexione nem mesmo o tempo (*Quem tudo queria, tudo perdia). No caso de uma expressão idiomática formal, ou expressão idiomática lexicalmente aberta, pelo menos uma parte da construção pode ser preenchida por uma gama habitual de expressões sintática e semanticamente adequadas. Expressões com ponto pragmático são expressões idiomáticas que, além de apresentarem um significado no sentido habitual do termo, são usadas em contextos pragmáticos específicos. Os exemplos mais comuns de expressões idiomáticas com o ponto pragmático são aqueles usados para abrir e fechar diálogos, tais como *Bom dia* ou *Até mais*, e para outros contextos discursivos específicos, tais como os das histórias infantis (*Era uma vez ...*). Por outro lado, expressões idiomáticas como em *um piscar de olhos* não têm nenhum ponto pragmático específico. Dessa forma, a distinção entre com/sem ponto pragmático caracteriza expressões idiomáticas quanto à estrutura de informação ou componente do discurso (melhores detalhes DUQUE, 2012). Conforme ressalva Duque (2012), a análise de Fillmore, Kay e O'Connor (1988) demonstra que expressões idiomáticas variam em suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas, oscilando de expressões completamente fixas a expressões mais gerais, que podem ser semanticamente mais ou menos opacas e, até mesmo, não corresponder às regras sintáticas da língua. Essas distinções propostas pelos autores favorecem uma distribuição contínua das construções linguísticas. Assim, é possível apresentar a Fraseologia, no âmbito das expressões

idiomáticas, como uma estrutura de informação a partir de princípios semânticos, cognitivos, pragmáticos e discursivo-funcionais. Pode-se dizer também que as possibilidades multifacetadas de abordagem no presente espaço abrem diferentes compreensões para o que seja a Fraseologia, pois é importante colocar objetivos mais realistas para a compreensão de uma língua.

8. Descrição dos resultados

Os exemplos aqui selecionados não são uma função da descrição dada, do sentido, mas da relação com o meio que gera o significado. Entretanto, cabe assinalar que, para este artigo, apenas servirá como base de análise três expressões idiomáticas que foram construídas a partir do *corpus*, devido respeitar-se o número de páginas para a publicação.

O quadro seguinte evidencia exemplos de Expressões Idiomáticas (EIs) provenientes da linguagem de especialidade da pesca, com o objetivo de demonstrar que tipo de relação contêm com os processos metafóricos e metonímicos.

Há de se observar que nas EIs o sentido não se encontra ligado a um fundo tão tangível, concreto. Note-se, a título de exemplo, as EIs a serem citadas neste trabalho, elas podem significar *n* representações. O pesquisador depara-se com dificuldades quando se tenta identificar a base que terá motivado a criação de determinada EI com o sentido literal. Assim, os processos metafórico e metonímico podem ser concebidos como uma tentativa de explicar o significado.

9. Expressões Idiomáticas provenientes da Pesca

Quadro 01: Expressões Idiomáticas da Pesca

| EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS PROVENIENTES DA PESCA | SENTIDO IDIOMÁTICO ESPECIAL (SIGNIFICADO NO CONTEXTO) | EXEMPLOS DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS POTENCIALMENTE METAFÓRICAS | METÁFORAS CONCEPTUAIS (Mecanismos cognitivos: metáforas e metonímias) |
|--|---|---|---|
| A MARÉ VAI TORCER DE ENCHENTE | ‘Maré ascendente’, ‘momento em que a maré se eleva’. | 1-[...] a maré, qué dizé que ela já tá inchenu de novo, a maré toce di inchente. Se num quisé dizé a maré vai tocé di inchente, você diz a maré já tá vino de | MARÉ É MOVIMENTO |

| | | | |
|---------------|---|--|---------------------------|
| | | <p>inchente (INF. 05, J.A., 49 anos).</p> <p>2- A maré da vazante quando ela pára, vira, vem de inchente, vai tocé di ìchêti [...] Aí, se quisé, ele tamém vira a pescaria. Ele aí já ispera tocé di ìchêti, pra pescá de ìchêti (INF. 08, A.G. N., 25 anos).</p> | |
| ÁGUA-MAR | ‘Animal marinho, invertebrado, de corpo gelatinoso e transparente’. No senso comum, é conhecido como ‘água-viva’. | 3- [...] fica um mosu na canoa catanu o camarãw, separano o camarãw di pexi, do siri, e da bagacera que é o limo, água-mar , esses negossu (INF. 13, M.O., 22 anos). | ANIMAL MARINHO É LIQUIDO |
| ANDAR APOPADO | ‘Alinhamento de pano, com fim específico de manter a embarcação tanto em equilíbrio como em condições de navegar em segurança’. | 4- [...] você só anda apopado porque apopado todo vento leva, né.[...] a imbarcazaw tem que tá bem aliada pra pudé andá (INF.03, J.A.G., 59 anos). | INSTRUMENTO PELO CONTROLE |
| BARRA VENTO | ‘Entrada de baía, enseada’. | 5- [...] Aí se vié um barco, aí de cá a bóia tá na barra ventu , aí, ahenti aqui, a, a, sinaliza com a piãa. [...] Ele aí vai passá no barra ventu , pela em frente dessa bóia, onde a redi tá amarrada [...] Aí ahenti ideó e deu certo , que nós bota na ponta do barra ventu e vem pra sotá vento, largano a redi[...] (INF. 03, J.A.G., 59 anos). | ESPACIALIDADE É SUPORTE |
| CABEÇA D’ÁGUA | ‘O limite da maré, quando ela chega ao ápice’. | 6- O dia que a maré mais enche, ela crece , a maré lãsa, lãsa, lãsa, mas chega o dia que ela dá cabesa d’água. Cabesa d’água é | MAIS É PARA CIMA |

| | | | |
|------------------------|--|--|-----------------------------------|
| | | quando ela bate aqui, maré grande (INF. 05, J.A., 49 anos). | |
| CHAME ÁGUA | ‘Remar com intensidade e sem cessar’. | 7-[...] O proeru é em primero lugá que é o cabeça de (?). Ele fica na proa, ele que cerca os lãsu, ele que, se fô vê xãgó, ele que vê o xãgó, aí, ele que vai na proa, é, é dano instrusãw ao popero [...] Aí, se ele dizé chame água , aí você diz assim, vai chamano água pra dá vorta na redi [...] (INF. 08, A.G.N., 25 anos). | SUBSTÂNCIA LÍQUIDA É FORÇA MOTORA |
| CORRER | ‘Traduz a ideia tanto do ato de apanhar pescados quanto do de examinar a rede de pesca, i.e., atentar-se ao que se encontra no interior deste artefato, assim como a ideia de deslocamento da embarcação’. | 8-[...] vem pra caza pra no otro dia vim corrê, pegá rubalo , bagui, pescada, todo tipo de pexi (INF. 04, O.C., 72 anos). 9- O jereré joga lã pra depois corrê por baxu (INF. 21, F.S., 21 anos). | VERIFICAR É PEGAR |
| DESCER MÃO PARA DENTRO | ‘Referência à ação realizada pelo pescador a fim de juntar o pescado, reuni-lo’; ‘colocar as mãos sobre a rede’. | 10-[...] Aí, ele comesa a maiá e na ora tem que descê mão pra dentu pra colê, pra tirá o pexi, pra botá redi na canoa e vim’simbora. Ou vim’simbora ou cercá mais (INF.08, A.G.N., 25 anos). | PARTE PELO TODO |
| NOTE | ‘Etapas, outrora específicas, em que se podia ensinar a aprendizagem da pesca de moluscos, peixes e crustáceos com os pescadores’. | 11-[...] a arte aqui pra insiná a pescá já foi de dote porque quando eu com idade de oito ano, eu comecei a pescá siri, pescava siri de lã, pescava siri na mão, pescava siri na lama [...] | APRENDIZAGENS SÃO ETAPAS |

| | | | |
|---|--|--|--|
| | | (INF.03, J.A.G., 59 anos). | |
| EMBARCAÇÃO FAZ CARREIRA; ESCACEAR | ‘Embarcação governada e ou/ é guiada pelo movimento do vento’; ‘Vento fraco, quase falta de vento; quando a embarcação não navega’. | 12-[...] Você tá numa canoa, o vento tá fresco ¹⁰ e não tem uma ispadela e tem uma estopa, aquela tauba ali, não tem uma tauba, e o vento só faz levá, aí botemo o nome iscaciá, tá iscaciano, aí só vai embora a canoa [...] (INF. 05, J.A., 49 anos). 13- Ispadela, ela é, é uma tauba só que ela é furada ((Levanta, pega a espadela e a exhibe)). Serve pra segurá uma imbarcasaw flutuano, é ela que vai corré o panu. Ela aí guenta a imbarcasãw [...] Tudo que a imbarcasãw faz carrera, ela vai cortano água, ela não dexa escaciá. [...] É um serviso bem feito porque se você não fizé bem feito a imbarcasãw não vai não. Ela só faz mermo é, é iscaciá [...] (INF.03, J.A.G., 59 anos). | COISA PELA REPRESENTAÇÃO |
| ESPADINA | ‘É um modo de o pescador fazer referência aos nomes que são atribuídos a quem da pesca participa. É como um registro não formal’. | 14-[...] É uma espadina criada dentru do trabalho, não é nome que registre, documento, não, não, não [...], isso é pra pescaria, cada qual tem sua função. Tem mosu que ahenti leva ainda não | DENOMINAÇÕES SÃO REFERÊNCIAS AO ESPAÇO DA ORALIDADE E DA ESCRITA |

¹⁰Outros autores poderiam afirmar que existe uma similaridade sêmica entre os elementos que servem para a descrição do *vento* (exemplo: vento forte, vento fresco, vento brando...).

| | | | |
|-----------------|--|--|--|
| | | sabe pescá, mas ahenti leva pra desafoná, não sabi fazé a corti(=? cortiça) a, esses é mosu razu, como diz. Tem o mosu razu e o mosu profissionau, que já sabi (INF.04, O.S., 72 anos). | |
| FAZER UMA CHAVE | ‘Modo como se organiza a rede para tentar prender o pescado’. | 15- [...] a vara pega daqui, vem, vem, pára numa otra ponta do mângui, mas aqui você dá uma vouta aqui assim, feito uma chavi de tañera , que é assí que fica essa boca aqui aberta. O pexi vai correno, bateno, bateno aqui assí na vouta do, do, da redi , ela vem aqui e sauta[...] se largá as ponta assim, sem fazé uma chavi , eles vai imhora tudo porque num tem essas vorta, essas vorta preñdi ele [...] (INF. 05, J.A., 49 anos). | REDE É UM OBJETO RECIPIENTE; REDE É UM CONTAINER |
| FERRAR O PANO | ‘Virar e/ ou dobrar o pano sobre ele mesmo e, com isso, preservá-lo da ação do vento’. | 16- [...] ferrá é enrolá o panu da traqueti pra não pegá mais vento (INF. 16, A.S.M., 64 anos). | PANO É UM INVÓLUCRO. |
| FURAÇÃO | ‘Pequena cavidade que se faz na embarcação e que serve para meter o pau que segura a vela, assim como para auxiliar na navegação’. | 17- [...] ou traqueti ou vela di pena pode usá esses dois panu se tivé furasão. A furasão é um buraco que faz no, no banco da canoa aí coloca o traqueti na proa e a vela di pena no meio, aí viaja [...] (INF. 05, J.A., 49 anos). | BURACO É FURAÇÃO |
| FUSCA | ‘Não há luz’. | 18- [...] mas quando é, quando o dia tem fusca, quando o dia tá bom, num tem luz nñuma no céu aí de longe, aí você vê o virmidão que é a | FUSCA É AUSÊNCIA DE LUZ |

| | | | |
|----------------------------|--|---|--|
| | | alegria do pescadô (INF. 01, M.D., 68 anos). | |
| GALINHA ARREPIADA | ‘Espécie de ouriço do mar, de corpo espinhoso’ | 19- Galĩa arripiada ((Risos)), galĩa arripiada é esse buzo que fura (INF. 05, J.A., 49 anos). | ORGANISMO MARÍTIMO É GALINHA ARREPIADA |
| MALETA | ‘Mar bravio’. | 20-[...] é a onda, o movimento da água é a onda, é a maleta, quando ma tá mais brabo, sabe, mais pesado, aí a ahenti chama de maleta (INF. 07, L.A., 34 anos). | MAR É OBJETO |
| NA BRUTA | ‘Representa todo e ou qualquer tipo de serviço realizado pelo “moço raso”, sem ser necessariamente especificado, independe das condições em que as coisas se lhes apresentam’. | 21- O mosu razu é o que mais gãa. O mosu razu é na bruta, faz qualquer trabalho (INF.18, Z.N., 40 anos). | NA BRUTA É TRABALHO |
| O DIA BOTANDO BARRA | ‘Madrugada, ou seja, amanhecer, quando aparece a barra, i.e., as nuvens no horizonte’. | 22-[...] quando é o dia botano barra, barra é, é, é madrugada, três ora, botano barra é a ora que ahenti vem resá redi o dia vem botano baxa , ahenti chega a resá redi, o pexi bate mais na redi (INF. 14, I.R.S., 43 anos). | BOTAR BARRA É MADRUGADA |
| PUXAR DE CORDA | ‘Rede de extensão considerável denominada calão, e que encobre parte significativa do local onde o pescador realiza suas atividades’. | 23-[...] antes prevalecia calãw, puxá de corda , oje é xãgó e camarãw. Mas, a de Xãdú é de taïera e arraera, e a de Cosmão é de taïera. Zé Cacete tem todo tipo de redi: arraera, casuera [...] (INF.06, J.S.P., 86 anos). | REDE É EXTENSÃO |
| REDE CURTA/ REDE DE DENTRO | ‘Rede que serve para a pesca de | 24- [...] redi di arrastu mermo, redi curta chama redi curta, é. | REDE É EXTENSÃO |

| | | | |
|---------------|---|---|-----------------------------------|
| | camarão e de peixes variados’. | Redi curta é a redi di arrastu é menó que o calãw , porque a redi de calãw toma o lãsu todo (INF. 04, O.C., 72 anos). 25- A tarrafa é um tipo de redi curta com chũbada , o chũbu pra aprofundá a redi ao redó, e jogá em cima do pexi. (INF.03, J.A.G., 59 anos); 26- [...] Só a de dentu mermo só, a redi de dentu aí, aí chama curta, chama redi curta, redi pequena que é pra botá na bera da coroa [...] (INF.11, P.R.S., 21 anos). | |
| REDE DE FUNDO | ‘Tipo de rede que se lança ao mar na expectativa de físgar peixes grandes, que só se encontram nas profundezas do mar’. | 27- O calãw é a merma redi de fundo, é a merma coisa, mas é maió né. O calãw é uma redi que cerca que arrea aqui uma ponta e sai cercano [...] (INF. 04, O.C., 72 anos); 28-[...] Casuera é redi de fundo porque a (?) larga ela lá e vem pra caza pra no otro dia vim corré, pegá rubalo, bagui, pescada, todo tipo de pexi (INF. 04, O.C., 72 anos). | TODO PELA PARTE |
| REVERSA | ‘Encontro das águas cujo impacto causa ondas’; ‘encontro de quantidade significativa de peixes’. | 29- Reversa é isso aí, água que se bate uma co’ a otra e fica creceno as espuma, oia aí, a água que se bate uma co’ as otra e fica creceno espuma , porque tem a reversa da, de pexi, porque o pexi, tem muito pexi naquele lugá, aí ahenti fala o pexi tá na reversa. | MARÉ É UM FLUÍDO EM UM CONTAINER. |

| | | | |
|----------------|--|---|---|
| | | Quando tá no cardume é a do pexi, e a do ma é quando faz aquela onda braba (INF. 16, A.M., 64 anos). | |
| SALTO | ‘Espécie de chave, no sentido de receptáculo para captura do pescado, isto é, lugar reservado na rede denominada ‘camboa’ onde se deposita o resultado da pescaria’. | 30-[...]o pexi vem decenu e vai pro saltu, esse saltu é tipo uma chave que fica no meio da câboa, o pexi só vai pra li , pra den’ do saltu[...] o saltu é aonde tá o pexi todo porque o pexi só vai pra den’ do saltu. Então, é tipo um cofu, eles entra den’ dali, [...] (INF.08, A.G.N., 25 anos). 31- Aí tá na ora de eles tirare o pexi do saltu pra pudé levá pra vendé (INF.08, A.G.N., 25 anos).. | REDE É OBJETO EM UM CONTAINER |
| SOAERA | ‘Ausência de vento’. | 32- [...] esse vento fresquão vem de um lado, vem de otro é a suaera, num tem vento pra soprá, é falta de vento (INF. 05, J.A., 49 anos). | VENTO FRESCO É SOAERA |
| TENSO | ‘Parte dobrada da rede e reservada para a disposição do pescado. É um nó que o pescador dá na rede com a intenção de manter o peixe resguardado’. | 33- [...] O tenso é um tipo de côco(?) que faz na redi . Na própria tarrafá faz um côco e a redi quando ela vem, ela dobra assim o pexi, meti naquele, naquela parti dobrada e vai junto (INF.04, O.C., 72 anos). | ARTÍFICIO DE PESCA É UM OBJETO CILÍNDRICO |
| VOLTA DA PEDRA | ‘Momento em que se finaliza a pescaria, e quando todos os pescadores, principalmente o moço abaixador, encontram-se no centro da rede, | 34-[...] Vorta da pedra é quando o mosu abaxadô fica até o fim da redi pra fechá o lãsu. (INF. 25, C.S., 37 anos). | PESCARIA É CÍRCULO |

| | | | |
|------------------------|--|--|-------------------------------|
| | estão dispostos em círculo, com a finalidade de rematar a rede e a retesar, garantindo, com isso, a segurança do pescado’. | | |
| VERMIDÃO ¹¹ | ‘Quantidade significativa de peixe, quando esse se apresenta na superfície da água’. | 35- O virmidão é um bucado de xâgó , é pra qualquer tipo de pexi , quando ele tá iscuro . Quando ele bóia , suberba assim , ele fica iscuro , ái é virmidão . O virmidão é muito pexi que tá ali , qué dizé , aqui ahenti chama de virmidão . Oje, o virmidão é pra xâgó , antes, dava pra pexi graúdo tamém , mas oje é pra xâgó porque é a quantidade maió (INF. 01, M.D., 68 anos). | CARDUMES SÃO MATIZES DE CORES |
| VIRA OS GOLPES | ‘Comunica a experiência de um conjunto e ou quantidade de peixe que é retirado da rede e disposto na embarcação’. | 36- [...] o que se tira primero é os vira os gorpe(?) , corta na redi e vira os gorpe pra dent’ da canoa (INF. 02, C.P.N., 66 anos). | EFEITO PELA CAUSA |

A MARÉ VAI TORCER DE ENCHENTE

Essa expressão idiomática faz referência à *maré* como elemento de personificação e como processo metonímico CONTINENTE PELO CONTEÚDO. Demonstra a imagem para a *maré* enquanto ascendente e ou o momento de elevação. Esse “torcer de enchente” diz respeito ao instante em que a *maré* se eleva, quer dizer, período de *maré* de enchente. Na compreensão do pescador, a *maré* se retorce para aumentar a quantidade de líquido. Constitui-se uma multiplicidade de sentidos em que esse “torcer de enchente” para a *maré* pode fazer parte de

¹¹ Os sublinhados são palavras com teor de Eis.

domínios como o de Futebol (Ex.: *Torcer* para o Flamengo); o de Vestuário (Ex.: Torcer a roupa); o de Corpo Humano (Ex.: Torcer o nariz). Evoca, simultaneamente, força física, experiências motora e corpórea.

O DIA BOTANDO BARRA

É uma expressão fraseológica idiomática e não literal simples. Experiencia tanto o primeiro momento em que o pescador inicia a atividade da pesca, quanto a demarcação do horário preciso de lançar a rede, isto é, o momento do dia em que o pescador tem certeza da garantia do pescado que é na madrugada. *O dia botando barra* quer dizer madrugada, ou seja, amanhecer, quando aparece a barra, i.e., as nuvens no horizonte. A finalidade dessa expressão não é simplesmente projetar o horário da madrugada, mas representa um horário que não é cronológico, talvez seja referente à metáfora do tempo movente, e a do tempo psicológico. Mas é uma referência que só é compreendida por aquele que a experiencia. As expressões metafóricas que são englobadas por *o dia botando barra* são: “[...] é madrugada; três ora; é a ora que ahenti vem resá redi; o pexi bate mais na redi [...]”. O homem do mar experiencia a ação de madrugar o dia, “nacer do dia”, e a consequência dessa ação é percebida como começo, início de se pescar e certeza de resultado satisfatório. É possível haver referência com a metáfora do nascimento, da vida, do tempo como início da pesca, e de garantia de pescado.

VIRAR OS GOLPES

Esta fraseologia¹² funciona como metonímia do tipo EFEITO PELA CAUSA, em que o PR (ponto de referência) diz respeito à ação realizada pelo pescador, e a ZA (zona ativa), o pescado. Faz referência ao pescado no momento em que este é retirado da rede e acomodado na embarcação, representando a ideia do pescado e do movimento que o homem da pesca faz para acomodar o que se pescou. O pescador ao pronunciar “vira os gorpe”, quer comunicar a experiência de um conjunto e ou quantidade de peixe que é retirado da rede e disposto na embarcação.

¹²Lakoff e Turner (1989) denominam as fraseologias como metáforas de nível genérico, e permitem entender uma categoria de situações como um todo em termos de uma situação particular (LIMA, FELTES, MACEDO, 2008; LAKOFF; TURNER, 1989).

10. Considerações

Diante de alguns exemplos é provável que os pescadores da comunidade de Baiacu-Vera Cruz-Bahia demonstrem a máxima de Lakoff e Johnson ([1980]; 2002; 1999; 2008), a de que é possível ver além das “verdades” de nossa cultura. Observa-se que, em linguagem de especialidade da pesca, se distinguem principalmente expressões idiomáticas, contendo as seguintes categorias: **a)** Roupas (exemplos: A maré vai torcer de enchente; Ferrar o pano); **b)** Nomes dos animais (Exemplo: Galinha arrepiada); **c)** Partes do corpo humano (Exemplos: Cabeça d’água; Descer mão pra dentro); **d)** Cores (Exemplos: Fusca; Vermidão [vermelho]; Escuro); **e)** Profissional (Exemplo: Embarcação faz carreira; Dote); **f)** Com referência aos elementos da natureza (Exemplos: A maré vai [...]; Água mar; Barra vento; Chame água; Cabeça d’ água; Fusca; O dia botando barra; Soaera; Reversa); **g)** Velocidade de ação (Exemplo: Andar aporado; Chame água; Descer mão pra dentro; Embarcação faz carreira; Escaciar); **h)** Artefatos (Exemplos: Puxar de corda; Rede); **i)** Trabalhos manuais (Exemplo: Descer mão pra dentro; Ferrar o pano; Na bruta), entre outras, quer dizer, há também os campos de esporte, de aprendizagem, marítimo, de ferramenta, de objeto, de cor, de ave, de fenômeno atmosférico, de tempo, sinestesia, de geometria. A maioria das categorias é atribuível a atividades e práticas desenvolvidas e estabelecidas culturalmente e baseadas na interação social dos seres humanos e dos conceitos espaciais, atividades corporais e habilidades de percepção. As EIs que aqui serviram de análise para o presente capítulo contribuem para comprovar como construções das características de uma língua ou ainda como termos, frases ou expressões dessa língua representam sentido geral e metafórico, que não é literal. Na linha de raciocínio de Lakoff e Johnson (2002 [1980], p.119;121), equivale a ideia de:

[...] ‘fórmulas do discurso’, ou ‘expressões idiomáticas’, ou ‘itens lexicais fraseológicos’, que funcionam de inúmeras maneiras como se fossem palavras únicas; e a língua possui milhares delas [...] cada conjunto de itens lexicais fraseológicos está estruturado de forma coerente por meio de um único conceito metafórico. [...] A estrutura metafórica dos conceitos é necessariamente parcial e reflete-se no léxico da linguagem, inclusive no léxico fraseológico, que abriga expressões de forma fixa [...] (LAKOFF; JOHNSON 2002 [1980], p.119;121).

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) apontam que é possível valer-se das EIs para falar de conceitos definidos metaforicamente. Assim, pode-se presumir que os exemplos retirados das expressões metafóricas do domínio de especialidade da pesca em Baiacu-Vera Cruz-Bahia apresentam tanto as metáforas conceptuais convencionais (ontológicas, orientacionais,

estruturais) quanto as expressões fraseológicas. Mas perceber até que ponto se concretiza ou abstratiza exige a compreensão dos processos metafóricos e metonímicos que deles fazem parte, pressupõe uma situação de contato entre os dois processos conceptuais. A maioria dos conceitos representados no vocabulário dos pescadores são naturalmente adquiridos em conexão direta com a experiência. Muito das características dos nomes são associadas a coisas, objetos, entidades, experiências e cultura. Daí resulta a atitude metafórica em relação às expressões, que são ligadas e subordinadas à ação. Ou, como diriam os cognitivistas, “são experiências físicas diretas”.

Referências bibliográficas

BATORÉO, H. J. Language typology and semantic primitive of space: evidence from European Portuguese. **Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva**. VILELA, M.; SILVA, F. (Org.). Faculdade de Letras do Porto: Tipografia Nunes, 1998. p. 33-47.

_____. **Expressão do espaço no português europeu**: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

_____. Protótipo em linguística cognitiva: o exemplo do protótipo espacial. **Actas/Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, 15, Braga: Faro, 2000. v 1, p. 161-176.

_____. Léxico e cognição (Mesa redonda). In: **I Congresso Internacional de estudos do léxico**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 17 a 20 abr. 2011.

_____. De ‘mão aberta’: como podemos ficar a conhecer melhor o mundo da flora? Nomes populares de plantas com ‘mão’ no Português Europeu. (Comunicação). **IV Congresso Internacional sobre Metáfora na linguagem e no pensamento**, 2011, Programação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Out. 2011, p.81-2.

_____; CASADINHO, M. Botar as mãos na massa? Estudo cognitivo da produtividade lexical do verbo ‘botar’ no PE e PB. Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. MARÇALO, M. J. *et al.* (ed.). Universidade de Évora Novas fronteiras? **Estudo contrastivo da produtividade lexical e padrões de formação de palavras em PB e PE sob a ótica da linguística cognitiva**, 2010. p. 37-55.

DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. **Linguística cognitiva**: em uma busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências. Natal/RN: EDUFRN: Editora da UFRN, 2012.

DEIGNAN, A.. Corpus linguistics and metaphor. In: GIBBS JR., R. W. **The cambridge handbook of metaphor and thought**. New York: Cambridge University Press. 2008, p.280-294.

FARIAS, E. M. P.; LIMA, P. L. C. Metaphor and foreign language teaching. In: **D.E.L.T.A.** Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada.v.26, nº especial, 2010. Metaphor and Cognition (Metáfora e Cognição). ISSN 0102-445. São Paulo: Editora EDUC, Editora da PUC São Paulo, p.453-478.

FARIA HUB, I. *et al.* Expressões idiomáticas, metáforas, emoções, sentidos figurados e sujeitos experienciadores. In: FARIA, I. H. *et al.* (Org.). **Lindley Cintra: homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão.** Lisboa: Edições Cosmos e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999, p.377-402.

FINATTO, M. J. B.. Reconhecimento da metaforização em linguagens técnicas e científicas: desafios e perspectivas. In: **Organon**, Metáfora em perspectiva, n. 43, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v.21 n. 43; 2007, p.119-127, ISSN 0102-6267.

GRUPO PRAGGLEJAZ. PIM: um método para identificar palavras usadas metaforicamente no discurso. Trad. Dalby Dienstbach Hubert. In: **Cadernos de Tradução: Linguística Cognitiva.** SIQUEIRA, M. (Org.). n. 25,jul/dez-2009 Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2ª reimpressão, n. 25; 2009, p.77-120, ISSN 1807-9873.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2004.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by.** Chicago: Chicago University Press, 1980, 242 p.

_____. **Metáforas da vida cotidiana.** Trad. Grupo de estudos da indeterminação e da metáfora (GEIM) sob coord. de Mara Sophia Zanotto e Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras: Educ. 2002, 254 p.

LAKOFF, G. The neural theory of metaphor. In: GIBBS JR., R. W. **The cambridge handbook of metaphor and thought.** New York: Cambridge University Press, 2008, p. 17-38. _____. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor.** Disponível em: <<http://www.amazon.com/More-than-Cool-Reason-Metaphor/dp/0226468127>>. Acesso em 23.11.2013.

_____. How brains think. In: **4th International Conference on Foreign Language Teaching and Applied Linguistics.** Sarajevo: Academic Leave a comment , maio, 7 de 2014. Disponível em:<<http://georgelakoff.com/blog/>>. Acesso em 23 maio de 2014.

MOREIRA, C. **As denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu/Vera Cruz/Ba.** 2010. 384 f.:il Inclui anexos. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística. Área de Concentração: Linguística Histórica) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, São Paulo, Salvador, 2010.

OLIVEIRA, I. Métaphore et terminologie. In: _____. **Nature et fonctions de la métaphore en science** : l'exemple de la cardiologie. Avant-propos de Philippe Thoiron. Postface de Teresa Lino. Paris: L'Harmattan, 2009, p.27-57.

ROSCH, E. **Cognition and Categorization**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, 1978, 328 p.

SANROMÁN, Á. I. Contexto e informação enciclopédica no dicionário. In: SANROMÁN, Á. I. **A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frasemas, pragmatemas**. Braga: Centro de Estudos Humanísticos - Universidade do Minho, 2001, p. 205-272.

SILVA, A. S. da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. In: **Revista Portuguesa de humanidades**, v.I (1-2).Universidade Católica-Faculdade de Filosofia de Braga, 1997, p.59;101, ISSN: 1808-3498.

_____. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. **Revista Portuguesa de Humanidades**, VII, 2003, p. 13-75, ISSN: 1808-3498.

_____. Protótipos, metáforas e frames: novas tendências da semântica cognitiva como modelo maximalista e contextualizante do significado (Conferência). In: **60º Seminário do GEL** (Grupo de estudos linguísticos de São Paulo). Universidade de São Paulo-Campus Butantã: São Paulo,04,05, 06 de julho de 2012.

SIQUEIRA, M. *et al.*. Identificação de metáforas em uma obra terminográfica: definição de critérios e análise de casos. In: **Organon**, Metáfora em perspectiva, n. 43, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v.21 n. 43; 2007, p.181-195, ISSN 0102-6267.

TEIXEIRA, J. de S. Modelos cognitivos e orientação intrínseca dos objectos. **Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva**. VILELA, M.; SILVA, F. (Org.). Faculdade de Letras do Porto: Tipografia Nunes, Lda. 1998, p.269-288.

_____. **A verbalização do espaço**: modelos mentais de frente/trás.2001. 527 f.: il.(Tese). Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (Colecção Poliedro): Braga, 2001.

_____. Metaphors, We Live By: Metáfora, verdade e mentira nas línguas naturais. In: **Revista Galega de Filoloxía**, nº 14/2013, Universidade da Corunha (Espanha), p.201-225.

Artigo recebido em: 28.02.2014

Artigo aprovado em: 30.05.2014